



*Tekohas Kaiowá e Guarani, 16 de Janeiro de 2021.*

**Kunangue Aty Guasu vem a público denunciar o crime de intolerância religiosa praticada contra as mulheres anciãs Kaiowá e Guarani.**

Ao Ministério Público Federal de Ponta Porã/MS  
Ao Ministério público Federal em Dourados/MS  
A Defensoria Pública do Estado de MS  
A Defensoria Publica da Uniao

**Eu queria avisar voces grupos essa mulher uma traficante e macunbeira foi pego aqui na aldeia arroio cora avisa todos aldeias que esta no grupo. Elas foram expulsos daqui, por isso elas vão procurar outra aldeia. Não estou mentindo veja o foto que eu mandei pra vocês. Ela tem dois filhos o nome dela Janeti Vilhalva Silveira. Aqui quem fala o vice capitão do arroio cora. Rafael**

17:47

*Mulher torturada em Limão Verde/Amambai-MS, post circulou nas redes sociais. Janeiro/2020.*

Desde novembro de 2019, a Kunangue Aty Guasu vem denunciando, para o Estado brasileiro, as perseguições, torturas, espancamentos, dentre tantas violências contra as anciãs *nhandesys* praticadas por homens vestidos de "crentes" e outros líderes ligados à capitania das comunidades Kaiowá e Guarani. Esses homens, em sua maioria, fazem parte da doutrina da igreja pentecostal Deus é Amor e pregam discursos coloniais de dominação do corpo da mulher, silenciando e violentando em nome da igreja.

Nas primeiras semanas de Janeiro de 2021, o crime de intolerância religiosa avança fortemente nas comunidades indígenas, pois sobe para nove casos identificados somente este ano. As mulheres têm seus corpos violentados por homens que usam facas, chicotes, cordas e pedaços de paus para "condená-las": torturá-las pela prática do chamado "feitiço".

As mulheres Kaiowa e Guarani violentadas e abusadas têm seus corpos cortados com ponta de facas, carregando em suas costas marcas de chicotes de couro. Ainda, essas mulheres têm seus cabelos cortados por faca, carregam hematomas físicos profundos em suas cabeças e em muitas outras partes do corpo. Nos processos de “condenação” pelos



neopentecostais, seus joelhos podem ser vistos sangrando, suas casas são queimadas, elas são expulsas das comunidades e carregam consigo traumas de violência psicológica brutal, temendo serem queimadas vivas, enforcadas e mortas. São insultadas e xingadas de bruxas e de feiticeiras.

Seguidores escravos da doutrina da igreja pentecostal Deus é Amor, com sede em São Paulo, demonizam o nosso modo tradicional de ser Guarani e Kaiowá. Eles se negam a entender a nossa crença, o processo histórico do nosso povo, nossos conhecimentos ambientais e tradicionais, dentre outros preconceitos. Dessa forma, *nhandesys* são criminalizadas, tidas como bruxas, feiticeiras, macumbeiras e etc. A igreja neopentecostal,

vista como a “correta”, prega a salvação da vida, rumo ao "céu". Nunca nós os condenamos por serem de religiões pentecostais. São eles quem condenam nossas anciãs rezadeiras, produzindo uma guerra religiosa que atravessa nossos corpos e nos violenta fortemente.

As *nhandesys* torturadas, em sua maioria, são mulheres idosas e suas filhas têm pouco contato com o espaço urbano. Essas mulheres são condenadas à morte por simplesmente manterem a prática dos cuidados com as plantas medicinais e a reza. Os vídeos e fotografias que chegam até nós são de mulheres que têm a sabedoria da medicina natural, fazendo as curas das doenças com remédios do mato, bem como o secular trabalho de cuidado com as gestantes.

Em novembro/2020, em meio à assembleia da VIII Kunangue Aty Guasu lançamos o documento [\*Corpos silenciados, vozes presentes: A violência no olhar das Mulheres Kaiowá e Guarani - Hete kirirîm ayvu jekaa tekovai, kuñangue.\*](#) Neste documento, denunciemos o crime de intolerância religiosa ao Estado brasileiro, com denúncias consistentes de violências

contra as mulheres indígenas através de diversos relatórios da assembleia das mulheres Kaiowá e Guarani. Fica evidente que esta não é a primeira vez que buscamos ajuda, gritando por socorro de apoio e proteção à vida das Mulheres Kaiowá e Guarani. Após as denúncias, mínimos são os resultados, contribuindo para o avanço da violência contra os nossos corpos.

Enquanto aguardamos a resposta do Estado brasileiro e encaminhamentos das torturas e abusos sobre os nossos corpos, nós, defensoras de direitos humanos e representantes da



Kuñangue Aty Guasu, também estamos sendo perseguidas e ameaçadas de morte. As violências ganham forças e avançam em paralelo às construções de igrejas pentecostais nas comunidades, dentro das reservas indígenas e nas retomadas.

As igrejas estão entrando em massa nas comunidades indígenas, inferiorizando a cultura tradicional e desvalorizando os conhecimentos tradicionais de nosso povo. Os pastores usam as igrejas como instrumento para impedir e desorganizar uma estrutura tradicional que o povo Kaiowá e Guarani vêm ao longo do tempo, lutando para reconstruir - a despeito das graves consequências deixadas pela colonização que segue forte contra nossos corpos, costumes e tradições.

Exigimos das instâncias jurídicas nacional e internacional que apurem com urgência todos os ocorridos de violência contra os nossos corpos. Nossas anciãs estão correndo risco de vida e com elas, também nós!

Exigimos que o judiciário nos atenda em nossa língua nativa, efetivando nossos direitos para seguirmos vivas e de forma digna.

É urgente a proteção, o fortalecimento e a valorização das anciãs Nhandesys, parteiras, Jarys, mulheres indígenas Kaiowá e Guarani defensoras de direitos humanos, frente aos projetos de extermínios anti-indígenas que vem sendo executado contra os nossos corpos, contra o nosso modo de ser Guarani e kaiowá.

**Aguardamos com sede de justiça e visibilidade das nossas vozes, que o estado e as cortes internacionais nos ouçam, e apoiem as demandas das mulheres Kaiowa e Guarani.**

Atenciosamente,

Conselho da Kunanague Aty Guasu - Grande Assembleia Das Mulheres Kaiowa e Guarani.